

O ENSINO DA FIXAÇÃO DAS SÍLABAS CANÔNICAS NAS PRÁTICAS ALFABETIZADORAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

TEACHING THE FIXATION OF CANONICAL SYLLABLES IN LITERACY PRACTICES AND ITS CONSEQUENCES

Carina Teixeira Blanco¹

RESUMO

Alfabetizar é um grande desafio no dia a dia escolar de professores alfabetizadores. As práticas de alfabetização necessitam de grande reflexão para que o sistema alfabético seja de fato construído pelos aprendizes. Assim, o objetivo deste artigo é refletir acerca da composição das sílabas da língua portuguesa e analisar o uso de métodos silábicos (sintéticos) de ensino, seus resultados para a aprendizagem do SEA e a relação dessas práticas com os erros cometidos pelos alunos durante a aquisição do sistema alfabético. Além disso, sabe-se que a estrutura de formação da sílaba consoante/vogal (CV) é a de maior ocorrência na língua portuguesa, no entanto, ocorrem com grande frequência outras formações silábicas que as crianças devem aprender (CVC, VC, CCV, CVV e CCVC). Assim, no processo de aquisição e desenvolvimento da leitura e escrita, se faz necessário compreender essas ocorrências e formações, por meio da consciência fonêmica. É a consciência fonêmica que garantirá o alcance da hipótese alfabética de escrita. Acredita-se que a utilização de métodos que treinam a fixação das sílabas canônicas como forma de ensinar a formação das palavras, podem levar à ocorrência de erros ou falhas no processo de aprendizagem da leitura e escrita, sendo necessária a utilização de um método mais eficaz para que a aprendizagem de fato ocorra.

Palavras-chave: Alfabetização; Métodos Silábicos; Sílabas; Método das Boquinhas.

ABSTRACT

Literacy is a great challenge in the daily life of literacy teachers. Literacy practices require great reflection so that the alphabetic system is actually built by learners. Thus, the aim of this article is to reflect on the composition of syllables in the Portuguese language and to analyze the use of syllabic (synthetic) teaching methods, their results for learning the SEA and the relationship between these practices and the mistakes made by students during the acquisition of the alphabetic system. Furthermore, it is known that the formation structure of the consonant/vowel (CV) syllable is the most frequent in the Portuguese language, however, other syllabic formations that children must learn occur with great frequency (CVC, VC, CCV, CVV and CCVC). Thus, in the process of acquisition and development of reading and writing, it is necessary to understand these occurrences and formations, through phonemic awareness. It is the phonemic awareness that will guarantee the scope of the alphabetic hypothesis of writing. It is believed that the use of methods that train the fixation of canonical syllables as a way of teaching the formation of words, can lead to the occurrence of errors or failures in the process of learning to read and write, requiring the use of a more effective method. for learning to actually take place.

Keywords: Literacy; Syllabic Methods; Syllables; Mouth Method.

INTRODUÇÃO

Uma preocupação frequente dos educadores atualmente é garantir que as crianças conheçam e compreendam o Sistema de Escrita Alfabética (SEA). No entanto, para que alcancem esse objetivo, é importante entender que o processo de alfabetização é algo maior e mais complexo do que apenas aprender a ler e escrever, mas que diz respeito à compreensão do

¹ Fonoaudióloga, Psicopedagoga, Especialista em Fonoaudiologia Educacional e Multiplicadora do Método das Boquinhas®.

sistema e suas funções, bem como exige a reflexão acerca dos componentes linguísticos, sonoros, a relação entre fonemas/grafemas e como este sistema é utilizado socioculturalmente.

Estudos realizados por Moraes (2012), Alves (2012), Capovila e Capovila (2012), e o Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa, PNAIC (BRASIL 2012), apontam que, para a criança desenvolver o SEA, é necessário que ela compreenda a relação grafema-fonema, sendo capaz de utilizar os segmentos da fala como requisito para a aquisição da escrita. No entanto, aparentemente a maior dificuldade é fazer com que o estudante alcance esse nível de compreensão, especialmente porque os métodos tradicionais não levam em consideração as demais variáveis envolvidas nesse processo, em especial a relação grafema-fonema.

Nesse contexto, este artigo traz uma reflexão sobre os tipos de métodos de alfabetização, em especial o método silábico, que ensina a partir da fixação das sílabas canônicas (estrutura da sílaba formada por consoante/vogal) com objetivo de ilustrar e trazer compreensão sobre como esses métodos colaboram para a ocorrência de alguns equívocos comuns na leitura e escrita, praticados pelos aprendizes submetidos a esse treino. Traz, ainda, uma reflexão sobre a estrutura das sílabas que compõem a língua portuguesa, com o objetivo de discutir sobre o método silábico de ensino ou as possíveis falhas decorrentes das práticas pedagógicas inadequadas e que pouco contribuem para o desenvolvimento da consciência fonêmica. Por fim, este artigo apresenta o Método Boquinhos®² de alfabetização fonovisuoarticulatória, como uma proposta pedagógica para alfabetização, em busca de demonstrar como essa metodologia atua nos sistemas cerebrais do aprendiz responsáveis pela leitura e escrita, permitindo que a aprendizagem seja mais efetiva e evitando as falhas ou os erros de alfabetização.

Para uma melhor compreensão dos conceitos de alfabetização, traz-se o pensamento de diferentes estudiosos do assunto, em busca de analisar cada conceito e complementar o entendimento final do processo em questão.

A faceta linguística definida por Soares (2007) contempla que ler e escrever, a especificidade da alfabetização, consiste na aquisição do sistema alfabético e ortográfico, desenvolvendo habilidades de leitura e escrita.

Nesse sentido, Costa Val (2006, p. 19) amplia um pouco mais esse conceito, considerando a relação entre a “pauta sonora da fala” e as letras. Essa autora define alfabetização como sendo:

[...] o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e

² JARDINI (1997). Método de alfabetização sintético, multissensorial, fonovisuoarticulatório.

escrever com autonomia. Noutras palavras, alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita. (COSTA VAL 2006, p. 19).

Perez (2002), aparentemente, não discorda dos conceitos de Costa Val (2006), mas vai além da aprendizagem formal da escola e considera o contexto em que a criança está inserida, trazendo o processo antes, durante e após o período escolar. Para esse autor, a alfabetização pode ser considerada:

[...] um processo que, ainda que se inicie formalmente na escola, começa de fato, antes de a criança chegar à escola, através das diversas leituras que vai fazendo do mundo que a cerca, desde o momento em que nasce e, apesar de se consolidar nas quatro primeiras séries, continua pela vida afora. Este processo continua apesar da escola, fora da escola paralelamente à escola (PEREZ, 2002, p. 66).

Pode-se dizer que Perez (2002) amplia a alfabetização para além da escola, mas ainda acredita que a escola é o marco fundamental para formalizar e acelerar esse processo. Sendo considerada o ponto de partida de todo o processo de aprendizagem do indivíduo, a alfabetização é, sem dúvida, o momento mais importante na formação escolar (CAGLIARI, 1993).

Analizando os conceitos apresentados sobre alfabetização, pode-se dizer que ela não se restringe somente ao conhecimento dos códigos alfabéticos e à memorização de combinações entre esses códigos, para a estruturação de palavras e frases. Preferimos conceitualizar alfabetização como sendo o processo que leva a criança ao encontro da aprendizagem inicial da leitura e da escrita, considerando o papel que o sistema nervoso exerce para a compreensão da relação grafema-fonema e o contexto em que o aprendiz está inserido. A alfabetização bem trabalhada levará o estudante ao domínio e uso de tal habilidade em seu dia a dia, de forma funcional e eficiente.

Para que o aprendiz domine o sistema da escrita (SEA), ele precisa compreender como a natureza desse sistema funciona e ter consolidado em seu cérebro as relações das convenções entre os fonemas e os grafemas. Morais (2012) afirma que, para compreender o sistema de escrita alfabética, o aprendiz precisa primeiro compreender o que as letras representam e como são criadas essas representações.

De acordo com Dehaene, 2012, a decodificação fonológica das palavras é a etapa chave da leitura [...] a conversão grafema-fonema é uma invenção única na história da escrita, que transforma radicalmente o cérebro da criança e sua forma de escutar os sons da fala.

Capovila e Capovila (2012) afirmam que, no início, a escrita se resume a uma produção visual global, como um desenho, sendo que a escolha e a ordenação das letras ainda não estão sob controle dos sons da fala. Assim, acredita-se que, para acontecer o domínio do SEA, a criança passa por grandes conflitos, construindo e desconstruindo hipóteses até compreender que a escrita representa o som da fala.

Nesse sentido, ao chegar no estágio fonológico, o aprendiz passa a fazer uso da rota fonológica e a desenvolver os códigos da escrita bem como a decodificação da leitura. No entanto, nos métodos de alfabetização utilizados nas escolas, poucos consideram ou preparam o professor para desenvolver o uso da rota fonológica.

Algumas pesquisas nacionais SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), ANA (Avaliação Nacional da Alfabetização) e internacionais como o Ranking de PISA, demonstram que a alfabetização no Brasil possui índices abaixo do esperado. Dessa forma, para que isso seja melhorado, se faz necessária a adoção de um método de alfabetização eficaz que garanta ao aluno o direito de aprendizagem.

Quando os objetivos da alfabetização são claros e o professor é consciente de seu papel como mediador da aprendizagem do estudante, certamente ele fará uso de um método para direcionar suas aulas. Diante disso, pode ocorrer uma dúvida em relação a qual o melhor método para que as crianças evoluam em suas hipóteses de escrita, avancem no conhecimento e façam uso desse aprendizado levando em conta as exigências sociais de um ser diferentemente letrado.

No percurso da educação, os métodos são divididos em dois grupos, os analíticos e os sintéticos, cada qual compreendendo, também, algumas subdivisões.

Nos métodos Analíticos, a aprendizagem se dá do todo para as partes. Nesse tipo de método, temos: a) **Palavração**: que tem como unidade básica a palavra, sem a necessidade de decompor essa palavra em sílabas; b) **Sentenciação**: que ensina o significado da palavra. Nesse caso, a sentença é utilizada como unidade que depois será decomposta em palavras; c) **Método Global**: que estimula o aluno a entender o sentido geral do texto, associado geralmente a histórias.

Pelo método Sintético, a aprendizagem se dá a partir de estruturas simples, em que a criança estabelece uma correspondência entre o som e a escrita da palavra, partindo das partes para o todo, aprendendo letras, sílabas e posteriormente as palavras. Este método pode ser dividido em **Silábico, Alfabético e Fônico**.

No **Método Silábico**, se aprende primeiro as sílabas, são ensinadas as famílias silábicas, associadas a desenhos ou palavras. Já no **Método Alfabético** se ensina e aprende primeiro as letras, para posteriormente formar as sílabas, pela junção entre vogais e consoantes, formam-se

as palavras e, por fim, a construção do texto. No **Método Fônico** ou **Fonético**, o aprendiz tem como base o som das letras, juntando vogal e consoante, pronunciando a sílaba que formou a partir dessa junção.

Segundo Jardini (2017), o método sintético, mais especificamente o silábico, que apresenta como unidade mínima de análise a sílaba, com foco na fixação das sílabas canônicas ou simples, em que a estrutura é formada por uma consoante/vogal pode tornar-se um problema no que diz respeito à construção do SEA. A autora defende que muitas crianças podem apenas memorizar as sílabas, induzindo sua aprendizagem da fase silábica alfabética de escrita, no entanto, estão, muitas vezes, em fases anteriores. Por isso, pauta ser imprescindível que a criança conheça como se forma a estrutura das sílabas nas palavras da Língua Portuguesa.

FORMAÇÃO DAS SÍLABAS NA LÍNGUA PORTUGUESA

Para compreender o sistema alfabético, se faz necessário entender a subordinação em relação às características da língua que se está aprendendo, principalmente no que diz respeito aos grafemas-fonemas, e à estrutura das sílabas e suas complexidades.

São inúmeras as variedades de palavras que compõem a língua portuguesa e que se diferenciam entre si a partir de aspectos relacionados ao número de sílabas, com variações desde uma até mais de cinco sílabas, e distribuições diferentes de letras para formar cada sílaba, por exemplo, consoante mais vogal que chamaremos de (CV), consoante, consoante e vogal (CCV), consoante, vogal, consoante (CVC), consoante, vogal, vogal (CVV), consoante, consoante vogal (CCV) e consoante, consoante, vogal, consoante (CCVC).

Em relação às variações relacionadas à distribuição das letras que formam a sílaba, algumas são mais utilizadas como, por exemplo, as sílabas CV (60,6%) e CVC (15,4%), enquanto as V (8,4%), CCV (4,4%), VC (4,3%), CCVC (0,8%) e as demais opções são muito menos usadas, principalmente pela complexidade da sílaba, estando diretamente ligada à consciência grafofonêmica (VIARO; GUIMARÃES-FILHO, 2007).

Soares (2016) define que há predominância CV no português brasileiro porque:

É uma das características que aproxima a sua ortografia da transparência, pois a segmentação ataque-rima (ataque- constituinte da sílaba, a parte inicial que contém uma consoante e rima- núcleo que contém a vogal) é equivalente, em grande número de palavras, à segmentação fonêmica (por exemplo, na palavra boneca, em cada sílaba o ataque corresponde a um fonema consonantal, e a rima corresponde a um fonema vocálico). (SOARES, 2016, p. 312).

Em 2009, Moreira, em seus estudos, analisa o percurso de aprendizagens tanto em aprendizes adultos quanto em crianças em fase de alfabetização e percebeu que ambos os grupos aprendem a ler a partir da sílaba mais canônica para a menos canônica.

[...] tanto crianças, quanto adultos passaram por um processo progressivo de aquisição da sílaba, que parte de estruturas silábicas mais simples evoluindo gradativamente para estruturas mais complexas. Em ambos os grupos, a sílaba prototípica foi a CV, enquanto a menos prototípica foi a CCVC, ficando as demais numa posição intermediária na escala. (MOREIRA, 2009, p. 222-223)

Em um teste realizado por Monteiro e Martins (2020), com 47 crianças, foi constatado que o desempenho das crianças foi maior nas palavras compostas por padrões silábicos CV do que em padrões CCV e CVC.

As autoras evidenciam que:

[...] o confronto com as estruturas silábicas CVC e CCV pode contribuir para que o sistema de análise sequencial das letras no reconhecimento da palavra se modifique, ampliando a percepção, por parte da criança, da complexidade das estruturas fonológicas da língua portuguesa, particularmente dos segmentos silábicos. (MONTEIRO; MARTINS, 2020, p. 28)

Para as autoras, assim que as crianças compreendem como funciona a escrita alfabética, podem facilmente, a partir de intervenções e atividades pedagógicas, serem conduzidas e passarem a analisar as estruturas compostas por CVC e CCV.

Jardini (2017) defende que toda atividade metalinguística deve ser realizada de maneira reflexiva, intencional, oposto à atividade epilinguística, que seria fazê-la de maneira automática, não consciente. A autora acredita que o ensino das estruturas não deva acontecer de forma memorizada por meio da repetição, pois isso não garante que o significado de palavras diferentes seja apreendido, mesmo usando-se as mesmas sílabas.

Para Dutra:

É importante destacar que ditado, cópia, treinos e memorização sem reflexão das regras não auxiliam os alunos a refletirem sobre a ortografia, apenas constata-se se sabem ou não escrever corretamente e os incentivam a adotar uma atitude mecânica e passiva diante da norma ortográfica. (DUTRA, 2020, s/p).

Diante disso, é importante analisar o papel da consciência fonológica como um facilitador do desenvolvimento da linguagem e escrita. A consciência fonológica é uma sub-habilidade da consciência metalinguística, ou seja, tornar-se sensível à cadeia sonora da fala.

Portanto, a criança precisa focalizar nos sons da fala, dissociando-os do seu significado (SOARES, 2016).

A habilidade de consciência fonológica tem subdivisões como: consciência de palavras (consciência lexical), consciência silábica (capacidade de perceber as sílabas nas palavras), consciência de elementos intrassilábicos (rimas e aliteraões) e consciência fonêmica (de cada fonema, individualmente). JARDINI (2017).

A aprendizagem do sistema alfabético compreende alguns estágios por que, necessariamente, os aprendizes passam até à completa compreensão do SEA, ou seja, primeiramente passam pela fase pré-silábica, silábica, silábica sem e com valor sonoro, silábica-alfabética, alfabéticas. Considerando essas fases, Moraes (2004) defende que a sensibilidade aos fonemas só é alcançada quando a escrita atinge estágios silábico-alfabéticos e alfabéticos, classificação segundo a psicogênese da escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1986).

O ensino dos fonemas é importante para que a criança consiga compreender o SEA e, a partir deles, formar as sílabas nas palavras de maneira reflexiva e não memorizada. Assim, independentemente das diferentes distribuições de letras para formar cada sílaba, o educando será capaz de percebê-las, atingindo assim a hipótese alfabética.

Mas, segundo Jardini (2017), não se justificam propostas que ensinam a língua escrita que pressupõem a possibilidade de pronúncia isolada dos fonemas, uma vez que os fonemas não são pronunciáveis isoladamente na fala. Essa lógica reforça a necessidade de um método de ensino sistemático e explícito, para que a aprendizagem de fato aconteça. São as reflexões e análises feitas acerca do processo da escrita que levam à aprendizagem e não a simples memorização de sílabas canônicas.

O ENSINO DO MÉTODO SILÁBICO

Como já foi discutido neste artigo, a Consciência Fonológica (CF) tem um papel fundamental no ensino do sistema de escrita alfabético, e a sensibilidade aos fonemas levará a criança de uma hipótese pré-silábica para uma hipótese alfabética de escrita, perpassando por todos os estágios descritos por Ferreiro e Teberoski (1986).

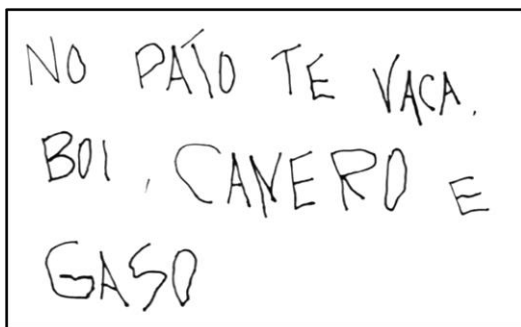
Jardini (2017) aponta que, na tentativa de levar à compreensão da Consciência Fonológica (CF), muitos ambientes educacionais usam como estratégia a memorização das sílabas canônicas simples (CV), o que poderá resultar em um processo mais longo e dificultoso para a formalização do aprendizado.

As propostas silábicas pretendem que, por meio da memorização das sílabas, os aprendizes compreendam a cadeia sonora ou SEA, sem que o som de cada letra seja trabalhado. No entanto, esses métodos fatalmente farão com que as crianças passem por um processo mais dificultoso para avançar de fase, além de levarem à ocorrência de uma série de equívocos frequentemente observados durante o processo de alfabetização.

Dessa forma, Jardini (2017) aponta que, durante o processo de alfabetização, alguns equívocos cometidos pelas crianças estão relacionados ao pensamento que, ao escreverem sílabas canônicas, estão representando todas as sílabas. Essas crianças serão capazes de ler e escrever sílabas simples, mas não sílabas complexas (que não possuem a estrutura CV). Muitas vezes, na tentativa de escrita de uma palavra, precisam recitar as famílias silábicas até encontrar a que pensam ser a correta, podendo contar as sílabas nos dedos na tentativa de recordar, porém não há possibilidade, nem seria sensato, de uma criança decorar todas as sílabas existentes na língua. É comum também fragmentarem a leitura em sílabas e, portanto, não atingem velocidade, ritmo, prosódia e acesso à rota lexical e à dupla rota de leitura.

Na Figura 1 a seguir, vemos um exemplo de escrita representativa da afirmação anterior, em que a criança quis escrever: NO PASTO TEM VACA, BOI, CARNEIRO E GANSO, mas omitiu as consoantes em finais de sílaba, por apenas ter memorizado as sílabas canônicas simples.

Figura 1- escrita aluno J.B. 1º ano EF.



De acordo com Jardini (2017), no caso das sílabas complexas, a criança acostumada a registrar de duas em duas letras para as sílabas simples (CV), comete erros como omissão, acréscimo e inversão. Na Figura 1, vimos que, ao tentar registrar a palavra PASTO, ela escreveu PATO (omitiu o S).

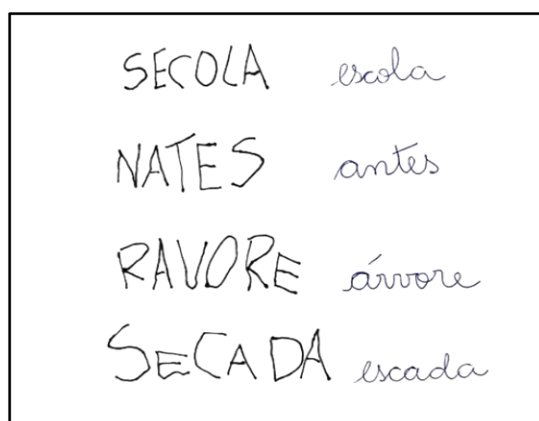
Mas poderia também ter escrito PASATO, pois, ao perceber auditivamente a ocorrência do fonema /S/, acredita que ele não pode vir sozinho e coloca a vogal A, formando outra sílaba na palavra. A falha de consciência fonêmica pode ainda levar a criança a escrever PATOSA,

porque ela não vê problema em colocar no final da palavra a letra/som que acabou de perceber. Assim, a partir da escrita de PATO, ela acrescenta o S no final PATOS e, em seguida coloca a letra A para o S não “ficar sozinho”.

Com Boquinhos, a ocorrência do fonema /s/ é percebida concretamente pela articulação/som, desenvolvendo a Consciência Fonêmica a partir da Consciência Fonoarticulatória, que se define pela capacidade de o indivíduo pensar sobre os movimentos que os articuladores fazem para produzir um som, como melhor explicado a seguir.

Ainda, para Jardini (2017), o mesmo pode acontecer quando a criança comete inversões nas sílabas formadas por vogal + consoante, por acreditar que a formação delas é sempre de consoante/vogal. Assim ESTRELA pode virar SETELA, ANDOU / NADOU, ENXADA / NEXADA, ARTISTA/RATITA, etc. como nos exemplos da Figura 2.

Figura 2- escrita aluno F.B, 1º ano do EF.



Nos encontros consonantais, da mesma forma, a criança tem dificuldades de escrever corretamente, por serem sílabas formadas por consoante/consoante/vogal (CCV) e cometem omissões e inversões. Como exemplos, podemos citar PRATO / PARTO, PRATO / PATO, PRATO / PARTO. Mais uma vez a intervenção com Boquinhos levará o aluno a perceber concretamente o lugar da letra dentro da palavra através do desenvolvimento da Consciência Fonêmica com o apoio da consciência fonoarticulatória.

No ensino das sílabas irregulares, aquelas em que as letras têm mais de uma forma de serem registradas, Boquinhos também tem muito a contribuir para a compreensão do aluno e superação de possíveis dificuldades. O aluno aprende que a família silábica da letra B é BA BE BI BO BU e na ordem alfabética a letra C é a próxima consoante a ser ensinada, uma família silábica irregular – mesma grafia com sons diferentes: CA CE CI CO CU. Neste caso, o aluno comete erros por generalização a partir da família regular que aprendeu anteriormente, pois ele

acredita que todas as sílabas da mesma família silábica devem ser escritas com a mesma letra. Exemplos: escreve CIBE para QUIBE, CEIJO/QUEIJO, PORTUGÊS/PORTUGUÊS, GILHERME/GUILHERME etc.

Por entenderem que a sílaba é a menor unidade sonora da palavra, os métodos silábicos de alfabetização estimulam a memorização de famílias silábicas: BA-BE-BI-BO-BU... BÃO. Da mesma forma, as sílabas frequentemente são enfatizadas na leitura e nos ditados, forçando uma pronúncia silabada, totalmente artificial. Essa prática faz com que a criança generalize que essa sílaba BÃO faz partes das possíveis sílabas existentes e passa a escrever MAÇÃO/MAÇÃ, LÃO/LÃ e MÃO/MÃE.

Boquinhos, criado por Jardini (1997), mostra que a regularidade na formação das famílias silábicas se dá pela mesma boca e mesmo som, portanto, apresenta a família da letra C como CA QUE QUI CO CU. O mesmo acontece com a família do G-GU que é apresentada como GA GUE GUI GO GU. E devido a esta dificuldade, já esperada, o Método das Boquinhos® somente apresenta essas famílias após trabalhar as famílias cujas consoantes formam famílias regulares, que são: L, P, V, T, M, F, B, N e D, ou seja, fora da ordem alfabética.

Traz ainda que, na escrita de sílabas finalizadas com sons nasais, é muito comum haver trocas. Isto acontece porque o aluno aprende que a família silábica tem sempre no final a sílaba contendo ÃO (LA-LE-LI-LO-LU-LÃO, PA-PE-PI-PO-PU-PÃO etc.). Isso faz com que generalize que o som nasal necessariamente deve ser escrito com a forma ã + O. Boquinhos mostra por meio da concretude da nasalização da letra ã como se dá a formação das sílabas nasais, pois temos: ã, ãO, ãE.

O DIFERENCIAL DO MÉTODO DAS BOQUINHAS® NO ENSINO DA SÍLABA

Criado inicialmente com a intenção de reabilitação de crianças com problemas na fala e na escrita, o método se ampliou para outras aplicações, frente aos enormes resultados positivos e benefícios obtidos a partir de sua aplicação. Dessa forma, a autora decidiu aperfeiçoar a técnica, transformando-a em um método que os professores pudessem utilizar em sala de aula.

A partir de atividades que estabelecem relações fônicas, gráficas, visuais e até mesmo táteis (surda/sonora), ou seja, utilizando-se os múltiplos sentidos, o método possibilita tornar o aprendizado concreto e significativo para a criança. Com as atividades propostas pelo método, o aprendiz ouve, vê, sente e experimenta, aproximando do concreto (boca que pronuncia) algo que antes ficava no campo da abstração (som que escuta). A proposta de estímulo para os diferentes canais sensoriais ativa diferentes áreas corticais envolvidas diretamente e/ou

complementarmente na aprendizagem e no processo de alfabetização, oferecendo à criança maior facilidade na decodificação dos sons das letras e na transposição dessa compreensão para a escrita, com maior autonomia e segurança. Nesse sentido,

O nome adequado da metodologia é fonovisuoarticulatória, que resume a sua abordagem multissensorial, ou seja, alia entradas neurológicas fonológicas (som/fonema) às visuais (letras/grafema), viabilizadas e facilitadas pelas vias articulatórias, sinestésicas (articulema/boca), conferindo a tríade necessária para fazer com que o processo de decodificação/codificação (leitura/escrita) seja modificado de abstrato para concreto, possibilitando a sua aquisição de maneira mais simples, rápida e eficaz. (JARDINI, 2017, p. 32 e 33).

Dessa forma, o Método das Boquinhos® leva as crianças a compreenderem a relação entre a fala e a escrita (grafema/fonema), utilizando adequadamente o sistema de escrita alfabética (JARDINI, 2017).

Como foi discutido anteriormente, o desenvolvimento ou a aprendizagem da criança, em nosso caso a alfabetização, deve levar em consideração fatores ambientais, biológicos ou individuais e sociais. Assim, o ambiente em que a criança está inserida, o desenvolvimento e o estímulo neuropsicomotor e as relações sociais podem interferir diretamente na qualidade e no ritmo de aprendizado da criança. Nesse contexto, o Método das Boquinhos® representa também um recurso para a intervenção neuropsicopedagógica comprovadamente eficaz para o processo de compreensão do SEA, acionando mecanismos cerebrais de forma consciente, permitindo que a aprendizagem aconteça de forma satisfatória, atendendo a todos os indivíduos e suas especificidades.

Os resultados observados no Método das Boquinhos® são uma consequência de sua proposta principal que tem como objetivo fazer com que o aprendiz pense e analise a linguagem escrita a partir da boca, o que posteriormente irá contribuir para que ele desenvolva suas atividades de forma autônoma. “[...] a boca passa assim a ser o canal de vínculo entre a letra e o som. Ou seja, cada vez que o aprendiz vê a boca, faz o som, uma letra é associada e novos caminhos neurais são abertos.” (JARDINI, 2017 p. 43).

Com isso, a proposta do Método das Boquinhos® traz a oportunidade para que a alfabetização aconteça de forma consciente, uma vez que aborda a letra com suas instâncias som e articulação (grafema/fonema/articulema), propiciando uma aprendizagem mais rápida e com maior probabilidade de acertos, independentemente do grau de dificuldade ou patologias que o aprendiz apresente.

De acordo com Jardim (2017),

Boquinhos caracterizou-se como metodologia eficaz para alfabetizar quaisquer indivíduos, por suas evidências científicas, pela resposta à intervenção e práticas aceitas em todo território nacional, pois foca nos aspectos linguísticos da alfabetização como porta de entrada, obviamente não desconsiderando sua contraparte social e contextual. (JARDINI, 2017, p. 24 e 25).

A aprendizagem preconizada pelo Método das Boquinhos® se define como ativa, atribuindo significado concreto ao que é aprendido, que se utiliza da boca como a principal ferramenta de trabalho, o que garante, segundo Jardim (2017), uma aprendizagem eficaz e aplicável a crianças com desenvolvimento típico ou atípico. Por ser um método multissensorial, como já mencionado, aciona diferentes aspectos neurológicos para desenvolver a consciência fonológica, ou seja, a partir de percepções visuais, sinestésicas e auditivas, desenvolvendo a capacidade de análise e síntese mesmo em palavras ainda desconhecidas pelo aprendiz.

Um ponto a ser destacado na aplicação do método é a importância da pista articulatória para o ensino da consciência fonológica e posterior alfabetização, que ocorre com o uso multissensorial da fonoarticulação. Assim, ao se falar um determinado som, ele é articulado, criando-se uma imagem mental dos seus articuladores, que são acionados para o cumprimento dessa tarefa. O mesmo processo se dá para escrever e recrutar a letra a ser grafada como representante desse som previamente articulado.

O fato de o Método fonovisuoarticulatório (Método das Boquinhos®) concretizar o som com o apoio de várias entradas sensoriais e, principalmente, a articulação (boca), o ensino do fonema passa a ser de fácil percepção e compreensão pelas crianças, pois elas, de fato, entendem o processo de leitura e escrita e não apenas memorizam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender as características do Sistema de Escrita Alfabético e analisar quais são os métodos e as práticas educacionais que levarão a criança a refletir e atingir níveis proficientes de leitura, estando totalmente alfabetizada, é, sem dúvida, uma necessidade dos profissionais da educação. Não será possível pensar em mediações assertivas com práticas pedagógicas que não levem à reflexão em relação a sua eficácia.

Há que ser levado em consideração que os erros cometidos durante o processo de aprendizagem podem decorrer do método utilizado ou da fase em que o aprendiz se encontra. Métodos que não levem à reflexão tendem a ser mais lentos e propícios ao erro. Quando se reflete acerca do que se está ensinando e como a aprendizagem está acontecendo, as possibilidades de acerto são maiores. O erro passa a ser visto como conhecimento a ser

construído, servirá de base para que o interventor crie estratégias assertivas, apoiadas em um método resolutivo, que faça o aprendiz evoluir e alcançar novos níveis.

Observou-se a partir das leituras e reflexões que a Língua Portuguesa possui vastas sílabas, com uma variedade de composição e que apoiar-se somente o ensino das sílabas canônicas (CV) de forma fixada pode comprometer e dificultar o aprendizado, tornando-se recurso insuficiente para a compreensão do SEA e levando a cometer erros comuns e frequentes na escrita, erros que se repetem, pois não compreendem que a língua escrita é composta por unidades menores que as sílabas, ou seja, é composta por letras e sons, e que compõem um conjunto denominado grafema/fonema.

Em relação à escrita, de acordo com Jardini (2017), é comum os aprendizes pensarem que, ao escreverem uma sílaba canônica, estão representando todas as letras de quaisquer sílabas, fato que não é verdadeiro e que pode acarretar adição, omissão ou inversão de letras nas palavras. Elas conseguem escrever e ler palavras formadas com sílabas simples, mas cometem equívocos quando se deparam com vocábulos que contêm as sílabas complexas, ou seja, aquelas que não mantêm a estrutura CV. Dado o fato de terem memorizado as sílabas, ao escreverem o fazem de forma lenta, e cometem erros de omissões de letras, inversões e adições. Na leitura, é recorrente que eles fragmentem as palavras em sílabas, alterando a velocidade, o ritmo, a prosódia e o acesso à rota lexical (leitura fluente com acesso rápido ao significado).

Assim, compreende-se que é de fundamental importância que essas crianças possam desenvolver a consciência fonêmica (capacidade de perceber cada som dentro da palavra, assim como sua posição), para atingirem a hipótese alfabética e serem capazes de ler e escrever corretamente, reforçando que os fonemas não são pronunciáveis isoladamente na fala e a consciência fonêmica pode ser de difícil compreensão para algumas crianças, pela abstração do som, necessitando, assim, de ferramentas mais concretas e eficazes.

A neurociência já mostrou a maior eficácia de métodos multissensoriais, por oferecerem mais canais de entrada (visão, audição, propriocepção etc.) para os estímulos, facilitando a aprendizagem. O Método das Boquinhinhas® foi idealizado pela autora, Dra. Renata Jardini, é um Método fonovisuoarticulatório, que utiliza estratégias fônicas (fonema/som) e visuais (grafema/letra), aliando-as às articulatórias (articulema/boquinhinhas). O gesto articulatório vai conferir a concretude necessária para o som, pois os fonemas são produzidos por uma boca que os articula. Assim, os resultados apresentados na alfabetização de crianças com o uso dessa metodologia têm sido muito favoráveis e eficazes.

Diante do exposto, acredita-se que é necessário um ensino sistêmico e significativo, as intervenções precisam ser planejadas de modo a provocar o aprendiz para que ele realize

confronto entre o falado e o escrito, ou seja, a promover reflexões levando a mudança para um estágio superior.

REFERÊNCIAS

ALVES, U.K. O que é consciência fonológica. In: LAMPRECHET, Regina Ritter *et al.* **Consciência dos sons da língua**: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de Língua inglesa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa**: a aprendizagem do sistema de escrita alfabética: ano 1: unidade 3. Brasília: MEC, SEB, 2012.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 6. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

CAPOVILA, Alessandra G.S; CAPOVILA, Fernando C. **Alfabetização**: método fônico. 6. ed. São Paulo: Memnon, 2012.

COSTA VAL, Maria da Graça. O que é ser alfabetizado e letrado? 2004. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de (org.). **Práticas de Leitura e Escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica a nossa capacidade de ler, Porto Alegre: Penso, 2012.

DUTRA, Gislene Silva. **A escrita mediada como atividade de estimulação na apropriação do sistema alfabético**. Disponível, [A escrita mediada como atividade de estimulação na apropriação do sistema alfabético \(bvsalud.org\)](#), Acesso em: 11 mar. 2023.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

JARDINI, R. S. R.; VERGARA, F. Alfabetização de crianças com distúrbios de aprendizagem, por métodos multissensoriais, com ênfase fono-vísuo-articulatória: relato de uma experiência. **Pró-fono**, p. 31-4, 1997.

JARDINI, R.S.R. Fonema ou gesto articulatório: quem, de fato, alfabetiza? **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 13, n. 2, p. 839-854, 2018.

JARDINI, R.S.R. **Método das Boquinhas**: uma neuroalfabetização. Bauru: Boquinhas, 2017

JARDINI, R.S.R.; GUIMARÃES, E.A.; CUNHA, A.B. **A construção da alfabetização com Boquinhas**: livro do aluno. Bauru: Boquinhas, 2014. ISBN: 978-85-64607-09-5

MONTEIRO, Sara Mourão; MARTINS, Margarida Alves. **Relação entre níveis conceituais de escrita e estratégias de reconhecimento de palavras**. I Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, MG, Brasil. II Instituto Universitário de Ciências Psicológicas Sociais e da Vida (ISPA), Lisboa, Portugal. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/Kg7CL9ZGSc8YQfxqGsRNZGN/?lang=pt&format=pdf>, Acesso em: 04 mar. 2023.

MORAIS, A.G. A apropriação do sistema de notação alfabética e o desenvolvimento de habilidades de reflexão fonológica. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 175-92, 2004.

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MOREIRA, C. M. **O estatuto da sílaba na aprendizagem da leitura**: comparando o percurso de crianças e adultos. (Tese de Doutorado). Curso de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2009

PEREZ, Clotilde; BAIRON, Sérgio. **Comunicação & Marketing**. São Paulo: Futura, 2002.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da ANPED, Minas Gerais, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

VIARO, Mário Eduardo; GUIMARÃES-FILHO, Zwinglio O. Análise quantitativa da frequência dos fonemas e estruturas silábicas portuguesas. **Estudos Linguísticos**, v. 36, n. 1, p. 27-36, 2007.